



Biblioteconomia e os **Ambientes** de Informação 2

Guilhermina de Melo Terra
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Guilhermina de Melo Terra
(Organizadora)

Biblioteconomia e os Ambientes de Informação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora

Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B582	Biblioteconomia e os ambientes de informação 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Guilhermina de Melo Terra. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Biblioteconomia e os Ambientes de Informação; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-342-2 DOI 10.22533/at.ed.422192205 1. Arquivologia. 2. Biblioteconomia – Pesquisa – Brasil. 3. Ciência da informação. I. Terra, Guilhermina de Melo. II. Série. CDD 020.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Biblioteconomia e os Ambientes da Informação”, editada pela Atena Editora compreender uma série, constituída por dois volumes, cujas temáticas encontram-se ligadas à área da Ciência da Informação. Esta área, compreende um campo interdisciplinar, voltado para o processo de “[...] análise, coleta, classificação, manipulação, armazenamento, recuperação e disseminação da informação” (SILVA, 2015, p.1).

Nesta perspectiva, os capítulos que compõem este Volume 2, de forma benéfica, tratam acerca da aplicabilidade da informação, em diversos suportes, junto às organizações, de modo a melhor cumprirem sua missão organizacional, uma vez que os artigos versam sobre a gestão de bibliotecas, sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos espaços informacionais, sobre a estrutura e operações dos repositórios institucionais, sobre a aplicabilidade de estudos bibliométricos, bem como sobre os acervos e práticas estabelecidas pelas organizações arquivistas, definidas aqui como ambientes informacionais.

No que se refere ao **Eixo “Gestão da Biblioteca”**, este volume apresenta os seis primeiros capítulos da obra, assim distribuídos: o primeiro capítulo, intitulado “A administração discursiva das bibliotecas orientadas para o desenvolvimento sustentável” trata acerca do fazer ético, junto à administração das bibliotecas, enquanto organizações complexas. O segundo capítulo, denominado “A atuação da assessoria à Rede de Bibliotecas no Sistema FIRJAN: gestão, incentivo à inovação e criatividade” apresenta o trabalho da assessoria, junto à Rede de Bibliotecas do Sistema FIRJAN. Intitulado “A consolidação da rede de bibliotecas da educação adventista”, o terceiro capítulo aborda sobre o processo de criação do sistema de bibliotecas que compõem a Rede da Educação Adventista, a qual integra 166 bibliotecas do Brasil. O capítulo quatro, “A necessidade do uso do descarte no acervo da Biblioteca Profº Carlos Alberto Barbosa – IFRJ – Campus Nilópolis”, destaca a importância da política de descarte para o funcionamento da biblioteca do Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Nilópolis. Definido “Biblioteca de História das Ciências e da Saúde na preservação da memória: proposta metodológica de transferência de acervo bibliográfico”, o quinto capítulo apresenta os procedimentos adotados pelos profissionais da biblioteca, de modo a não danificar o acervo durante a transferência do acervo do prédio antigo para o prédio atual. Fechando este primeiro eixo, temos o capítulo sexto, “O uso do modelo SECI em bibliotecas como guia para suporte à gestão do conhecimento”, o qual aborda a importância do Modelo SECI para o processo de gestão do conhecimento e funcionamento da biblioteca.

O **Eixo “Tecnologia da Informação e Comunicação”** é constituído por cinco capítulos. Definido como capítulo sete, o artigo “Comunicação da ciência na era da internet: visibilidade e internacionalização”, apresenta o contributo das tecnologias digitais na evolução da comunicação científica em ambientes de ensino e pesquisa.

O oitavo capítulo, “Cortando gastos em tempo de crise: a biometria substituindo o cartão de usuário”, apresenta as vantagens da implantação do cadastro biométrico dos usuários da Biblioteca Central Julieta Carteadó, junto ao atendimento dos usuários. Intitulado “Digitalização e publicação *online* da Revista Leprosy Review de 1928-2001: relato de experiência”, o nono capítulo visa discutir acerca do processo de digitalização da revista em tela no meio eletrônico. O décimo capítulo é definido como “Ideologia e utopia dos discursos na Wikipédia” e visa apresentar o estudo feito acerca do uso da Wikipédia como ferramenta da busca. Por fim, o décimo primeiro capítulo, denominado “Preservação da informação digital” pretende analisar os avanços proporcionados pelo uso dos recursos computacionais aplicados à conservação e preservação da informação digital.

Para compor o **Eixo “Repositórios Institucionais”**, o capítulo décimo segundo, definido como “A Biblioteca Marechal Rondon e seus acervos digitais”, trata do repositório da biblioteca Marechal Rondon, o qual é constituído por um rico acervo sobre a temática indígena brasileira, enquanto que o décimo terceiro capítulo, definido como “Repositórios institucionais: promovendo o alcance dos objetivos da agenda 2030 da ONU” apresenta os repositórios institucionais como ferramentas utilizadas para o alcance dos objetivos do desenvolvimento sustentável exposto pela IFLA, o qual toma por base a agenda 2030 da ONU.

Os capítulos décimo quarto e décimo quinto temos os artigos que tratam do **Eixo “Bibliometria”**. Assim, o décimo quarto capítulo, “Estudo bibliométrico do acervo Raimundo Jinkings, integrante do Memorial do Livro Moronguêta da UFPA” objetiva apresentar os resultados da análise bibliométrica do acervo que pertenceu a Raimundo Jinkings. Intitulado “Qualidade, produtividade e estratégias de operações: uma revisão bibliométrica”, o capítulo décimo quinto, apresenta uma revisão bibliométrica sobre qualidade, processos e estratégias de operações para garantir maior vantagem competitiva, a partir do crescimento econômico e financeiro de uma organização.

Fechando este Volume 1, o **Eixo “Organizações Informacionais”** é formado por artigos que apresentam as organizações arquivísticas como objeto de estudo. Posto isto, o capítulo décimo sexto, “A fotografia nos arquivos: um breve estudo sobre a necessidade de uma gestão documental”, versa sobre a legitimação da fotografia, enquanto documento arquivístico, a partir de um estudo sobre materiais fotográficos em arquivos. O capítulo décimo sétimo, “A memória é refletida em um acervo ou um acervo reflete a memória?”, resgata a memória e a história, a partir do arquivo pessoal de Santos Dumont. Definido como “Análise da aplicabilidade do princípio da proveniência associado à representação da informação arquivística no acervo intermediário do IFPB – Campus João Pessoa”, o décimo oitavo capítulo aborda as contribuições do uso correto do princípio da proveniência, junto ao acervo intermediário do Arquivo Central do IFPB – Campus João Pessoa. O capítulo décimo nono é intitulado “Inovação na gestão de documentos: a proposta de implantação da tipologia documental no âmbito dos recursos humanos da Fundação Oswaldo Cruz”, visa apresentar os resultados da

gestão documental aplicado, junto ao arquivo da Fundação Oswaldo Cruz. Com o título “Notas sobre o patrimônio de ciência e tecnologia em registros fotográficos: o acervo da UFPE, a Ciência e os Cientistas”, o vigésimo capítulo visa abordar as reflexões acerca do patrimônio de ciência e tecnologia, contido no acervo fotográfico da UFPE. Em relação ao vigésimo primeiro capítulo, denominado “O acervo do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande: relato de experiência”, objetiva tratar sobre o procedimento referente ao diagnóstico e tratamento arquivístico junto ao acervo do extinto Departamento de Oceanografia e da Universidade Federal do Rio Grande. O vigésimo segundo capítulo, “Por um acervo digital de partituras de música brasileira”, discute meios de integração e ampliação dos arquivos de partituras de música brasileira, a fim de ampliar sua visibilidade e acesso. Já o capítulo vigésimo terceiro, denominado “Proposta para a criação de um vocabulário controlado a partir do Sistema de Informações do Arquivo Nacional do Brasil (SIAN)”, propõe a criação de um vocabulário controlado, tomando por base o SIAN, a fim de contribuir com a atividade de descrição, a ser desenvolvida pelo profissional arquivista.

Como se pode notar, este segundo volume encontra-se recheado de reflexões capazes de contribuir para uma sólida discussão acerca da prática biblioteconômica e arquivística. Por esta razão, em nome da Atena Editora, ao mesmo tempo em que agradecemos aos autores pela contribuição, desejamos aos leitores uma excelente leitura.

Guilhermina de Melo Terra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ADMINISTRAÇÃO DISCURSIVA DAS BIBLIOTECAS ORIENTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Clóvis Ricardo Montenegro de Lima Fátima Santana da Silva José Rodolfo Tenório Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4221922051	
CAPÍTULO 2	18
A ATUAÇÃO DA ASSESSORIA À REDE DE BIBLIOTECAS DO SISTEMA FIRJAN: GESTÃO, INCENTIVO A INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE	
Bernardo José de Oliveira Palma Daisy Margareth Alcáçova de Sá Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.4221922052	
CAPÍTULO 3	29
A CONSOLIDAÇÃO DA REDE DE BIBLIOTECAS DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA	
Liliane Giusti Serra Raquel Pinto Correia Gisele Tosi de Santa Clara	
DOI 10.22533/at.ed.4221922053	
CAPÍTULO 4	35
A NECESSIDADE DO USO DO DESCARTE NO ACERVO DA BIBLIOTECA PROFº CARLOS ALBERTO BARBOSA – IFRJ – CAMPUS NILÓPOLIS	
Cássia Rosania Nogueira dos Santos Cintia Luciano de Paiva Josiane Borges Pacheco Heloisa Souto de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4221922054	
CAPÍTULO 5	45
BIBLIOTECA DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA: PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRANSFERÊNCIA DE ACERVO BIBLIOGRÁFICO.	
Eliane Monteiro de Santana Dias Jeorgina Gentil Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.4221922055	
CAPÍTULO 6	52
O USO DO MODELO SECI EM BIBLIOTECAS COMO GUIA PARA SUPORTE A GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Gil Eduardo Amorim Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.4221922056	
CAPÍTULO 7	59
COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA NA ERA DA INTERNET: VISIBILIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO	
Raimunda Ribeiro Lídia Oliveira Cassia Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.4221922057	

CAPÍTULO 8	75
CORTANDO GASTOS EM TEMPO DE CRISE: A BIOMETRIA SUBSTITUINDO O CARTÃO DE USUÁRIO	
Rejane Maria Rosa Ribeiro Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira Isabel Cristina Nascimento Santana Solange dos Santos Rocha Ana Martha Machado Sampaio Gerusa Maria Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4221922058	
CAPÍTULO 9	80
DIGITALIZAÇÃO E PUBLICAÇÃO ONLINE DA REVISTA LEPROSY REVIEW DE 1928-2001 – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Andrea Cristina Bogado Alessandra Carriel Vieira Juliana Lourenço Sousa Marcos da Cunha Lopes Virmond	
DOI 10.22533/at.ed.4221922059	
CAPÍTULO 10	91
IDEOLOGIA E UTOPIA DO DISCURSO NA WIKIPÉDIA	
Marcio Gonçalves Elaine Vidal Fabiana Crispino	
DOI 10.22533/at.ed.42219220510	
CAPÍTULO 11	103
PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO DIGITAL	
Francisco Carlos Paletta Luara Martins Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.42219220511	
CAPÍTULO 12	118
A BIBLIOTECA MARECHAL RONDON E SEUS ACERVOS DIGITAIS	
Rodrigo Piquet Saboia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.42219220512	
CAPÍTULO 13	127
REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: PROMOVENDO O ALCANCE DOS OBJETIVOS DA AGENDA 2030 DA ONU	
Layde Dayelle dos Santos Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.42219220513	
CAPÍTULO 14	132
ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DO ACERVO RAIMUNDO JINKINGS, INTEGRANTE DO MEMORIAL DO LIVRO MORONGUÊTÁ DA UFPA	
Elisangela Silva da Costa Suelene Santana Assunção	
DOI 10.22533/at.ed.42219220514	

CAPÍTULO 15 139

QUALIDADE, PRODUTIVIDADE E ESTRATÉGIAS DE OPERAÇÕES: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA

Raissa Cristina Pereira
Renata Alessandra Evangelista
Lucas Augusto de Carvalho Ribeiro
Liliane Guimarães Rabelo
Jackeliny Dias da Silva
Vanessa Bitencourth dos Santos
Lucas Chagas Gomes
Aline Mirian da Silva
Luan Aparecido Oloco de Oliveira
Ingride Chagas Gomes
Marcos Alves Gomes
Serigne Ababacar Cissé Ba

DOI 10.22533/at.ed.42219220515

CAPÍTULO 16 149

A FOTOGRAFIA NOS ARQUIVOS:UM BREVE ESTUDO SOBRE A NECESSIDADE DE UMA GESTÃO DOCUMENTAL

Luciene de Castro Braga
Alessandro Ferreira Costa

DOI 10.22533/at.ed.42219220516

CAPÍTULO 17 160

A MEMÓRIA É REFLETIDA EM UM ACERVO OU UM ACERVO REFLETE A MEMÓRIA?A QUESTÃO DA MEMÓRIA NO ARQUIVO PESSOAL DE SANTOS DUMONT

Bárbara Cristina Barbosa Pinto da Silva

DOI 10.22533/at.ed.42219220517

CAPÍTULO 18 168

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO PRINCÍPIO DA PROVENIÊNCIA ASSOCIADO À REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NO ACERVO INTERMEDIÁRIO DO IFPB - CAMPUS JOÃO PESSOA

Gregório Goldman dos Santos Felipe
Anna Carla Silva de Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.42219220518

CAPÍTULO 19 180

INOVAÇÃO NA GESTÃO DE DOCUMENTOS: A PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL NO ÂMBITO DOS RECURSOS HUMANOS DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Lucina Ferreira Matos
Juliana Christina do Carmo Silva

DOI 10.22533/at.ed.42219220519

CAPÍTULO 20 199

NOTAS SOBRE O PATRIMÔNIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM REGISTROS FOTOGRÁFICOS: O ACERVO DA UFPE, A CIÊNCIA E OS CIENTISTAS

Emanuela Sousa Ribeiro
Ana Cláudia de Araújo Santos

DOI 10.22533/at.ed.42219220520

CAPÍTULO 21	219
O ACERVO DO DEPARTAMENTO DE OCEANOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Maria de Fátima Correa	
Evelin Mintegui	
DOI 10.22533/at.ed.42219220521	
CAPÍTULO 22	231
POR UM ACERVO DIGITAL DE PARTITURAS DE MÚSICA BRASILEIRA	
Rosana S. G. Lanzelotte	
DOI 10.22533/at.ed.42219220522	
CAPÍTULO 23	242
PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO CONTROLADO A PARTIR DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL DO BRASIL (SIAN)	
Mariane Costa Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.42219220523	
SOBRE A ORGANIZADORA	253

NOTAS SOBRE O PATRIMÔNIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM REGISTROS FOTOGRÁFICOS: O ACERVO DA UFPE, A CIÊNCIA E OS CIENTISTAS

Emanuela Sousa Ribeiro
Ana Cláudia de Araújo Santos

RESUMO: Este trabalho visa apresentar reflexões de natureza teórica e metodológica acerca do patrimônio de ciência e tecnologia no acervo fotográfico da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O acervo de fotografias da UFPE é composto por aproximadamente vinte mil fotografias, a sua maioria em preto e branco, produzidas no contexto institucional, entre 1946 e 2002. São fotografias que registram os momentos que a instituição considerou significativos para sua história, abrangendo inaugurações, eventos, construções, festividades, solenidades, entre outras vivências que foram consideradas relevantes para serem perenizadas através do registro fotográfico. Após o tratamento físico deste acervo realizou-se uma seleção de imagens que foram consideradas, pelas autoras, como relativas ao patrimônio de C&T, sendo possível identificar alguns padrões no tipo de fotografia produzida, que indicam o predomínio de determinados recortes do patrimônio de C&T, seja por áreas do conhecimento, seja pela forma de representação dos cientistas, seja pela exclusão de determinadas áreas do conhecimento. Percebe-se, portanto, que este acervo, apesar de ter sido produzido durante cerca de meio

século, e por duas dezenas de fotógrafos diferentes, apresenta construções imagéticas que criam uma representação idealizada da ciência e dos cientistas, se distanciando da ideia de ciência como atividade de trabalho cotidiano, mesmo em uma universidade. Este trabalho dialoga especialmente com o referencial teórico proposto por RIEGL (1999), DELICADO (2008, 2015), PANESE (2007), LOUREIRO (2009), GRANATO (2009) e MANINI (2002), autores que versam sobre a comunicação científica, identificação e registro do patrimônio de C&T, como também os que propõem metodologias específicas para o tratamento informacional da fotografia. Desta forma, o trabalho visa contribuir com a ampliação da discussão acerca do Patrimônio de Ciência e Tecnologia partindo do documento fotográfico, compreendido como o próprio objeto de C&T.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio de C&T; Patrimônio Universitário; Fotografia; UFPE

ABSTRACT: This paper presents theoretical and methodological reflections about science and technology heritage in the photographic collection of the Federal University of Pernambuco (UFPE). The UFPE photo collection consists of about twenty thousand photographs, mostly in black and white, produced in the institutional context, between 1946 and 2002. They are photographs that record the moments that the institution

considered significant for its history, covering inaugurations, events, buildings, festivals, ceremonies, and other experiences that were considered relevant to be eternalized through the photographic record. After the physical treatment of this collection took place a selection of images that were considered by the authors as related to S & T heritage, it is possible to identify some patterns in the type of photography produced, indicating the predominance of certain cuts of the equity of S & T heritage, or by areas of knowledge, either by way of representation of scientists, is the exclusion of certain areas of knowledge. It is clear, therefore, that this collection, although it was produced for about half a century, and two dozen different photographers, presents imagery buildings that create an idealized representation of science and scientists, shunning science idea as daily work activity, even at a university. This work dialogues especially with the theoretical framework proposed by RIEGL (1999), DELICATE (2008, 2015), PANESE (2007), LOUREIRO (2009), GRANATO (2009) and MANINI (2002), authors who deal with science communication, identification and registration of S & T assets, as well as those who propose specific methodologies for informational treatment of photography. Thus, the work aims to contribute to expanding the discussion of Science and Technology Heritage starting from the photographic document, approached as the S&T object itself.

KEYWORDS: S & T heritage; University heritage; Photographs; UFPE

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa contribuir com a ampliação da discussão acerca do Patrimônio de Ciência e Tecnologia partindo do documento fotográfico, compreendido como o próprio objeto de C&T. Para tanto, são realizadas reflexões de natureza teórica e metodológica acerca da identificação do patrimônio de ciência e tecnologia no acervo fotográfico da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), utilizando-se estas fotografias como casos exemplares de situações em que o processo de patrimonialização e o processamento técnico, através de métodos de documentação em museus, implicam no reconhecimento das fotografias como patrimônio cultural de C&T.

O acervo de fotografias da UFPE é composto por aproximadamente vinte mil fotografias em papel, a sua maioria em preto e branco, produzidas no contexto institucional, entre 1946 e 2002. Trata-se de fotografias que foram produzidas por diversos órgãos de imprensa universitária, que se sucederam também na guarda do acervo, o qual até 2013 esteve sob a guarda da Assessoria de Comunicação da UFPE, passando no mesmo ano para a responsabilidade do Memorial Denis Bernardes, órgão de preservação da memória institucional vinculado ao Sistema de Bibliotecas da Universidade.

Entre 2013 e 2016 o acervo foi tecnicamente tratado, através de metodologias de documentação e conservação em museus, período em que se assistiu um renovado

interesse institucional pelas mesmas, bem como, pôde-se perceber novas atribuições de sentido em torno do acervo.

Durante o processamento técnico das fotografias buscou-se identificar representações do patrimônio cultural de ciência e tecnologia nas fotografias dos diversos Centros Acadêmicos da UFPE, motivando a seleção, pelas pesquisadoras, de um conjunto de imagens, que estão sendo descritas em formulário individualizado e deverão ser objeto de trabalhos de pesquisa e comunicação museais.

Durante o processo de seleção destas fotografias percebeu-se que há uma unidade em torno de como a UFPE se representa enquanto instituição produtora de ciência, seja no tocante à composição imagética das fotos, seja no próprio quantitativo de imagens relativas às ciências, fazendo-se uma grande separação entre as ciências ditas duras e as demais ciências.

O ACERVO DE FOTOGRAFIAS DA UFPE COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE C&T

Os registros fotográficos são parte indissociável da sociedade contemporânea, estando fortemente presentes na produção da ciência, inicialmente, no século XIX, com o status de prova documental e reprodução fiel da realidade e, posteriormente, já com seus aspectos probantes relativizados, conforme nos lembra Guran (2012, p.65): “o sentido de uma imagem para as ciências sociais depende de como seu conteúdo é percebido à luz dos pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos que presidem a reflexão científica deste campo do conhecimento”.

O mesmo autor reforça a ideia de que as fotografias nunca reproduzem asceticamente uma realidade, e sim produzem realidades que, por sua vez, são interpretadas pelos diversos observadores da imagem, em um processo de contínua polissemia:

Embora seja precisa, por reproduzir mecanicamente o referente, é também ambígua, uma vez que é sempre um recorte que resulta de uma série de escolhas do autor a partir das quais esse referente é construído como informação, construção essa que se realiza de fato na leitura do observador, portanto fora do processo de produção da imagem propriamente dito. A imagem é também polissêmica, justamente por se realizar, de fato, na recepção pelo observador, e este vai “reconstituí-la”. (GURAN, 2012, p. 17)

Ainda de acordo com Guran (2012, p. 17) é possível ler uma imagem segundo parâmetros comuns a todos, mas com particularidades que lhe são próprias, o que lhe confere uma dimensão absolutamente polissêmica, pensamento fundamentado em Flusser.

Ao tratar desta possibilidade de “leitura da fotografia segundo parâmetros comuns a todos” é que se pode compreender as fotografias como monumentos, ou seja, “imagem/monumento: aquilo que, no passado, a sociedade queria perenizar de si mesma para o futuro” (CARDOSO, MAUAD, 1997, p.406-407).

Este conceito de monumento é desenvolvido por Riegl (1999, p.23-31), que faz referência ainda aos monumentos intencionais e não intencionais, chamando atenção para o fato de que a intencionalidade ou não do monumento não impede que lhe seja também atribuído valor rememorativo. Este autor analisa os conceitos de monumento a fim de entender o “culto moderno aos monumentos”, que é também o título de sua obra mais relevante sobre o surgimento do patrimônio cultural no ocidente.

Ao tratar dos valores passíveis de serem atribuídos aos monumentos, o autor também aponta a existência de valores de contemporaneidade e de antiguidade, sendo o primeiro relativo ao valor que se atribui à fruição estética dos monumentos segundo gostos artísticos contemporâneos; e o segundo relativo ao estranhamento causado pela percepção sensorial de um objeto cujo aspecto físico revela a passagem do tempo. Nas palavras do autor, no valor de antiguidade:

o monumento é somente um substrato concreto para produzir em quem o contempla aquela impressão anímica que causa no homem moderno a ideia do ciclo natural de nascimento e morte, do surgimento do indivíduo a partir do geral e do seu desaparecimento paulatino e necessariamente natural no mesmo geral (RIEGL, 1999, p. 31, tradução nossa)

A percepção sensorial do antigo se faz sentir, em geral, por um estranhamento em relação aos materiais, ao aspecto físico diferenciado, do monumento em questão.

No caso do acervo fotográfico da UFPE, este valor de antiguidade salta aos olhos, pois, trata-se de fotografias em preto e branco, em papel, ou seja, são objetos que praticamente deixaram de existir no início do século XXI e que algumas gerações de jovens já não estão habituadas a manipular. No dia-a-dia de uma sociedade que posta nas redes sociais, em tempo real, fotografias digitais em cores, as fotografias p&b impressas já apresentam um valor de antiguidade que faz uma remissão à sua qualidade de monumento antigo.

Ainda acompanhando os argumentos de Riegl (1999) este faz referência ao valor rememorativo, como eixo de compreensão para diferenciar as categorias de monumento 1. intencional, 2. histórico não intencional e 3. monumento antigo. Segundo o autor,

as três classes de monumentos se distinguem entre si por uma ampliação progressiva do âmbito de validade do valor rememorativo. Na categoria de [1.] monumentos intencionais se inclui somente aquelas obras que por vontade de seus criadores hão de rememorar um determinado momento do passado (ou um conjunto destes momentos). Na categoria dos [2.] monumentos históricos o círculo se amplia àqueles que também se referem a um determinado momento, mas cuja seleção depende de nosso gosto subjetivo. Na categoria dos [3.] monumentos antigos pode-se incluir toda obra devida à mão humana, sem atender ao seu significado original nem ao objetivo ao qual estava destinada, contanto que denote exteriormente, de modo manifesto, que existiu e “viveu” durante bastante tempo antes do presente (RIEGL, 1999, pp.31-32, tradução nossa)

Novamente observando a trajetória institucional do acervo fotográfico da UFPE pode-se indicar elementos de ampliação do valor rememorativo. Ao serem produzidas no âmbito da imprensa universitária, em especial para publicação nos jornais editados

pela Universidade, percebe-se o caráter intencional de sua produção enquanto elementos capazes de promover a rememoração, assim como todos os demais suportes de informação produzidos pela imprensa da UFPE. Estes registram os momentos que a instituição considerou significativos para sua história, abrangendo inaugurações, eventos, construções, festividades, solenidades, entre outras vivências que foram consideradas relevantes para serem perenizadas através do registro fotográfico.

Em um segundo momento, ao serem selecionadas pela Assessoria de Comunicação da UFPE, e preservadas em seu suporte físico (ao invés de terem sido descartadas), as fotografias passaram pelo processo subjetivo de atribuição de valor. Sistemáticamente este conjunto de vinte mil fotografias foi selecionado e preservado, ao mesmo tempo que outros bens produzidos com fim intencional de rememoração (como, por exemplo, livros de atas administrativas, placas de formatura e mesmo outros conjuntos fotográficos) foram descartados e desapareceram ao longo da trajetória da UFPE.

No momento atual, como já evidenciado, o acervo fotográfico da UFPE ampliou seu valor de rememoração, que foi potencializado pelo seu aspecto sensorial de coisa antiga, que já “viveu” muito. Não por acaso, entre 2013 e os dias atuais estas fotografias foram objeto de diversas ações de preservação – compreendida aqui em sentido amplo, como qualquer ação que leve à “prolongar a vida útil dos acervos culturais, através da prevenção e do combate à sua deterioração” (BECK, GUIMARÃES, 2007, p.47) – tais como a higienização, o acondicionamento, o tratamento informacional, a digitalização, a comunicação e mais recentemente a disponibilização no Repositório Institucional da UFPE. Estes projetos, realizados por diversos setores e profissionais da Universidade¹, confluíram na percepção de um novo status para fotografias que já existiam na instituição há muitas décadas.

Assim, compreende-se este movimento como capaz de indicar a existência de um crescente valor rememorativo, atribuindo às referidas fotografias o caráter de monumento. Este movimento pode ser caracterizado como um processo de patrimonialização que, segundo Lima (2012), pode ser compreendido como um processo social de legitimação da necessidade de preservação,

como ato que incorpora à dimensão social o discurso da necessidade do estatuto da Preservação. Conservação a ser praticada por instância tutelar, portanto, dotada de responsabilidade (competência) para custodiar os bens. E conservar, conceito que sustenta o Patrimônio, consiste em proteger o bem de qualquer efeito danoso, natural ou intencional, com intuito não só de mantê-lo no presente, como de permitir sua existência no futuro, ou seja, preservar (LIMA, 2012, p.34).

O qual, no âmbito das fotografias em estudo, ocorreu no momento em que as vinte mil fotos saíram de caixas e envelopes depositados em um armário da Assessoria de Comunicação da UFPE e foram transferidos para o Memorial Denis Bernardes.

1. O projeto de conservação e documentação do acervo foi coordenado por profissionais do Departamento e Antropologia e Museologia, financiado pela Pró-reitoria de Extensão, os bolsistas foram mantidos pela Pró-reitoria de Comunicação, Informação e Tecnologia da Informação, e a digitalização foi realizada pelo Laboratório de Tecnologia do Conhecimento (Liber).



Figuras 1 e 2: Pastas e envelopes pardos que acondicionavam o acervo fotográfico na ASCOM (2012).

Falar de patrimônio cultural implica, necessariamente, na compreensão do seu caráter dialógico, posto que o patrimônio cultural existe apenas em relação a um determinado grupo social, ao mesmo tempo conformando e sendo por este conformado. Conforme explica Gonçalves:

Patrimônios culturais não são simplesmente uma coleção de objetos e estruturas materiais existindo por si mesmas, mas que são, na verdade, discursivamente construídos. Os objetos que identificamos e preservamos enquanto “patrimônio cultural” de uma nação ou de um grupo social qualquer, não existem enquanto tal senão a partir do momento em que assim os classificamos em nossos discursos. (GONÇALVES, 2007, p. 142)

Ao se referir à natureza discursiva do patrimônio cultural, Gonçalves está se referindo não aos discursos orais ou escritos em sentido estrito, mas sim às visões de mundo que conformam a própria sociedade (GONÇALVES, 2007, p. 143). Por isso os conceitos de patrimônio, e os próprios bens tutelados pelo estado, se modificam conforme se modifica também a própria sociedade.

Neste caso, o grupo social em questão é o da comunidade universitária da UFPE, cujas manifestações identitárias vêm sendo, desde 2015 e provavelmente até 2017, bastante reforçadas por conta da proximidade das comemorações dos 70 anos da instituição – celebrados em 11 de agosto de 2016, data em que se iniciou a programação de um ano de eventos em torno desta efeméride.

Enquanto grupo social que mobiliza discursos de patrimonialização, a comunidade universitária institui um patrimônio cultural universitário, o qual está relacionado a uma forma histórica e socialmente determinada de produzir conhecimento científico, nas universidades. Conforme definição apresentada em declaração dos ministros da União Européia sobre o patrimônio universitário em 2005:

O “patrimônio universitário” engloba todos os bens tangíveis e intangíveis relacionados com as instituições de ensino superior e o seu corpo institucional, bem como com a comunidade acadêmica composta por professores/pesquisadores e estudantes, e todo o meio ambiente social e cultural que dá forma a este patrimônio.

O “patrimônio universitário” é composto por todos os traços, tangíveis e intangíveis, da atividade humana relacionada ao ensino superior.

É uma grande fonte de riqueza acumulada, que nos remete diretamente à comunidade acadêmica de professores/pesquisadores e estudantes, seus modos de vida, valores, conquistas e sua função social, assim como os modos de transmissão do conhecimento e capacidade para a inovação (UNIÃO EUROPEIA, 2005).

Esta é, efetivamente, a chave de interpretação, denotativa e conotativa (MANINI, 2002), necessária para a leitura do acervo fotográfico da UFPE. Os parâmetros comuns a todas as imagens são as formas de vida universitárias, seus rituais, seus símbolos e, claro, suas formas de produção de conhecimento, diretamente vinculadas ao conhecimento de natureza científica, motivo pelo qual parte deste acervo também pode ser compreendido como patrimônio cultural de ciência e tecnologia, que pode ser definido como aquele relativo ao

conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além de todos aqueles objetos (inclusive documentos em suporte papel), coleções arqueológicas, etnográficas e espécimes das coleções biológicas que são testemunhos dos processos científicos e do desenvolvimento tecnológico. Também se incluem nesse grande conjunto as construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos (GRANATO, 2009, p. 79, grifo nosso).

Esta definição coloca ênfase no conhecimento em si mesmo e também nos objetos que são testemunho do processo científico e tecnológico. Acredita-se que muitas das fotografias do acervo da UFPE podem ser consideradas testemunhos do processo científico, pois retratam o dia-a-dia de uma instituição especializada na produção de C&T. Algumas destas fotografias apontam as condições cotidianas de produção do conhecimento científico, em especial quando se observa para além do plano principal da imagem.



Figura 3: Imagem de Laboratório localizado no Centro de Tecnologia e Geociências, sem data. Na primeira bancada observa-se uma pesquisadora pipetando algum líquido com a boca, prática interdita em qualquer manual de segurança em laboratórios, mas ainda hoje muito comum no dia-a-dia dos laboratórios. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, foto CTG0018.

Em outro trabalho Granato e Câmara (2009, p.175) apontam que há uma vertente material e uma vertente imaterial do patrimônio de C&T a ser preservado, contudo, grande parte do patrimônio imaterial – aquele relativo ao conhecimento científico e tecnológico – já é preservado por se tratar dos resultados (pelo menos aqueles resultados positivos) do próprio fazer da C&T, ficando ameaçados de invisibilidade aqueles resultados negativos, ou que fracassaram, na pesquisa científica.

Neste aspecto imaterial as fotografias do acervo da UFPE, como de qualquer outra instituição que produz ciência, podem ser significativos exemplares de projetos que não tiveram continuidade e que representaram “becos sem saída” na pesquisa de determinadas áreas do conhecimento. Ou ainda podem fazer referência a instituições e linhas de pesquisa que entraram em declínio ou desapareceram.



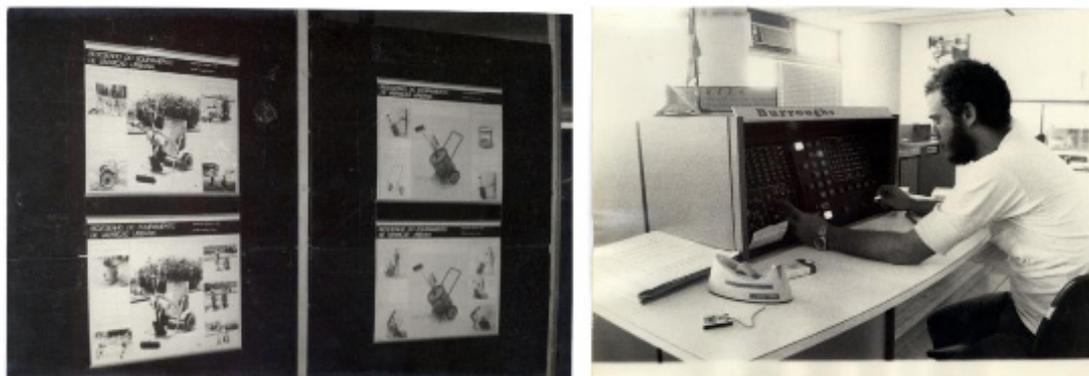
Figuras 4 e 5: Imagem atribuída ao Museu de História Natural do Parque Dois Irmãos (à esquerda), que não existe mais atualmente. Na foto à direita pode-se ver insetos, provavelmente sendo tratados para exposição. Apesar do apoio institucional oferecido pela UFPE ao Museu – revelado pela primeira vez através deste conjunto fotográfico – este representou um fracasso na área da divulgação científica. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, fotos 577 e 581.

Granato e Câmara (2009, p. 175) ainda apontam para o fato de que “os objetos mais facilmente identificados ao patrimônio de C&T são os denominados instrumentos científicos, desde que fizeram parte intrinsecamente das atividades realizadas em laboratórios científicos e de tecnologia aplicada”. Este tipo de objeto costuma ser vítima de descartes frequentes, em função da modernização de laboratórios e de novas demandas das pesquisas científicas (GRANATO *et al*, 2010). Trata-se da valorização apenas do valor de uso destes objetos, desconhecendo-se seu valor enquanto patrimônio cultural.

Em situações como esta, a fotografia é, no mais das vezes, a única representação visual de objetos científicos que não existem mais. Do mesmo modo se pode pensar

os protótipos ou as versões de teste de soluções tecnológicas que foram descartadas pelo próprio processo produtivo.

Entre as fotografias do acervo da UFPE existe grande quantidade de imagens de objetos científicos, os quais, de acordo com os levantamentos que já foram realizados acerca dos museus e coleções científicas da Instituição, já não mais existem².



Fotografia 6 e 7: Apresentação de trabalho sobre redesenho de carrinho de apoio para varrição urbana (esquerda) e equipamento científico não identificado pertencente à Engenharia do Centro de Tecnologia e Geociências, sem datas. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, foto CTG00916 e CTG0954.

Outra definição acerca do patrimônio cultural de ciência e tecnologia enfatiza a importância da comunidade científica, ao afirmar que este patrimônio compreende:

[...] o legado coletivo da comunidade científica, em outras palavras, o que a própria comunidade científica reconhece como representativo da sua identidade, que deveria ser repassado para as próximas gerações de cientistas e para o público em geral. Isso inclui o que nós conhecemos sobre a vida, a natureza e o universo, mas também o como nós construímos este conhecimento. Este legado é, ao mesmo tempo, material e imaterial. E inclui artefatos e espécimes, mas também laboratórios, observatórios, paisagens, jardins, coleções, *savoir faire*s, práticas de ensino e pesquisa, bem como deontologias, documentos, e livros (LOURENÇO; WILSON, 2013, p. 746)

Enfatiza-se a estreita vinculação da ciência com a sociedade como um todo, bem como o caráter socialmente determinado da produção do conhecimento, e da preservação – ou destruição - dos seus vetores materiais. Novamente as fotografias produzidas em uma instituição de ensino superior são capazes de dar conta de como se constrói o conhecimento científico, retratando as práticas de ensino, pesquisa e extensão universitárias, situações muito presentes nas fotografias do acervo da UFPE.

2. É importante deixar claro que a descrição individual e pesquisa de campo acerca da existência dos objetos representados nessas fotografias ainda estão em andamento e deverão demorar a ser finalizada. Faz-se referência aqui aos levantamentos já realizados (SILVA FILHO, 2013).



Figuras 8 e 9: À esquerda, alunos da Escola de Engenharia realizando aulas práticas na área externa na UFPE, sem data. À direita, fotografia mais recente, provavelmente em evento de iniciação científica, sem data. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, foto CTG00935 e CTG0146.

Porém, ao mesmo tempo em que estes registros fotográficos são relevantes como patrimônio universitário e patrimônio cultural de ciência e tecnologia, também são monumentos intencionais, ou seja, retratam e perenizam aquilo que a sociedade pretende registrar de si mesma, inclusive as suas idiossincrasias.

Ao mesmo tempo que se reconhece o inequívoco valor patrimonial do acervo de fotografias da UFPE, percebe-se que, como todo patrimônio, este lança mão de estratégias discursivas para tornar-se plausível, aceitável, para a sociedade. E, no âmbito da representação acerca da ciência e da tecnologia, o acervo de fotografias da UFPE não se beneficia do fato de ter sido produzido em um contexto plural de experiências científicas. Pelo contrário, reproduz construções imagéticas que criam uma representação idealizada da ciência e dos cientistas, se distanciando da ideia de ciência como atividade de trabalho cotidiano, mesmo em uma universidade.

REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA CIÊNCIA & TECNOLOGIA NO ACERVO DE FOTOGRAFIAS DA UFPE

Conforme já exposto anteriormente, o acervo de fotografias da UFPE é composto por aproximadamente vinte mil fotografias. Estas foram tratadas através de um projeto de extensão intitulado “Imagens fotográficas: olhares sobre a história da UFPE”, cujo objetivo é a realização de ações de conservação preventiva e organização documental.

No concernente à organização documental, a atividade “envolve atividades sistemáticas de levantamento, seleção e compilação de informações referentes a um conjunto ou a um determinado documento em instrumento apropriado. A finalidade é criar formas adequadas de acesso e controle do acervo” (CARVALHO et al, 2002, p. 18).

Para dar forma a esta organização documental, foram produzidos formulários descritivos, que contemplam um conjunto de dados divididos em conjuntos de informação, a saber: dados administrativos (unidade que produziu, código de

identificação e quantidade de fotos) informações técnicas (fotógrafo, estado de conservação e dimensão do suporte). Estes formulários se fundamentaram nos princípios arquivísticos, cuja organização se baseia no princípio de proveniência do documento que, neste caso, se constituía, na maioria das vezes, pela unidade administrativa que produziu a fotografia.

Regra geral, a temática presente no acervo refere-se às atividades inerentes a uma instituição de ensino superior: ensino, pesquisa e extensão, distribuída em várias subtemáticas, que foram estabelecidas pela equipe do projeto (denominados como temas de suporte, visando à recuperação da informação) e elencados a partir do conteúdo imagético de cada conjunto fotográfico, a saber: eventos (solenidades, reuniões, encontros, palestras e posses), estrutura física, decoração, projetos de pesquisa, equipamentos científicos, docentes, discentes, atendimento médico/consultas, aulas, convênios, diretoria, empresa júnior, divulgação, apresentação cultural, políticos, reitores (pró-reitores), escultura e manifestações.

Deste modo, as informações contextuais de produção institucional das imagens foram preservadas, embora nem sempre permitam que se identifique o conteúdo imagético primário das fotografias, pois o quantitativo de fotos que possui identificação registrada por escrito no verso da fotografia é extremamente limitado.

Outro problema de indexação a ser destacado é a dispersão das mesmas fotografias em conjuntos e classificações diferentes. Acreditamos que tal fato se deu porque a entidade produtora das fotos – a UFPE – nunca fez nenhum arranjo sistemático das imagens, de maneira que, ao longo de sua vida, as fotografias foram constantemente reorganizadas em virtude do seu uso (ou da sua falta de uso) em atividades de divulgação da Universidade.

Para os fins deste trabalho é importante sublinhar que diante da grande quantidade de fotografias é certamente impossível realizar uma análise individual de cada uma das imagens. Contudo, ao longo da sua manipulação e, sobretudo, durante a seleção das fotografias que estão em processo de descrição individual por se tratar de imagens que fazem uma remissão mais direta ao patrimônio cultural de ciência e tecnologia, foi possível estabelecer um perfil da “imagem [...] dos cientistas, dos processos científicos, dos resultados do trabalho de investigação” (DELICADO, 2008, p.79)³.

Também é importante lembrar que as fotografias foram originalmente produzidas em um contexto de imprensa universitária, de maneira que têm, na sua origem, uma característica de fotojornalismo, na qual:

A fotografia assume, junto com o jornalismo, uma posição de transmitir à sociedade

3. Utilizou-se, como referencial teórico acerca das imagens da ciência e dos cientistas, bibliografia sobre museus de ciência e suas exposições (DELICADO, 2008; DELICADO, 2015; LOUREIRO, 2009; PANESE, 2007). Esta escolha baseia-se no fato de tratar-se, tanto no caso de exposições de museus como no caso de fotografias jornalísticas, de construções discursivas destinadas a transmitir uma mensagem conscientemente estruturada sobre determinado assunto, neste caso a ciência, lançando mão de elementos estéticos e sensoriais no processo de comunicação.

informações de expressão visual acerca de acontecimentos sortidos. Essa é uma possibilidade abrangente dos jornais, em que a fotografia se torna parte da narrativa, de maneira a auxiliar na construção da significação (SOUSA, CUNHA, 2013, p.3)

Neste caso, o construto a ser produzido é uma visão positiva da instituição e dos seus feitos, especialmente divulgando ao público não especializado – interno ou externo - aquilo que é produzido no âmbito acadêmico⁴ e científico.

Seria de supor, portanto, que as fotografias construíssem uma visão de ciência não estereotipada, aproximando o pesquisador/cientista do trabalhador, colaborando “para a percepção do impacto da ciência e da tecnologia no nosso cotidiano, facilitar a compreensão da ciência como processo e da prática científica como trabalho” (Loureiro, 2009, p. 108).

Ao contrário, pôde-se identificar no acervo uma grande quantidade de fotografias que apresentam a representação estereotipada do cientista: “os cientistas são representados nas exposições como uma categoria abstracta, recorrendo-se a imagens arquetípicas de homens de bata branca com tubos de ensaio nas mãos” (DELICADO, 2008, p.86).

Nestas imagens os pesquisadores são retratados com a indumentária típica (jaleco/bata branca), feições sóbrias, cercados por um ambiente de laboratório, e preferencialmente com alguma referência ao objeto da pesquisa compondo a cena em primeiro ou segundo plano.



4. Nos dias atuais a Assessoria de Comunicação Social da UFPE define sua missão nestes termos: “A Assessoria de Comunicação Social da UFPE (Ascom) é responsável pela coordenação das ações de comunicação da Universidade, para os públicos interno e externo, em todas as etapas: planejamento e definição de estratégias, execução e atividades de monitoramento e avaliação. Coordena as atividades de divulgação dos assuntos da Universidade para a comunidade acadêmica e também para os meios de comunicação, de alcance local e nacional, incluindo jornais, revistas, rádios, emissoras de televisão e a mídia especializada da Internet, além do atendimento à imprensa em geral. Gerencia a produção dos materiais jornalísticos e o trabalho dos profissionais e estagiários” (ASCOM-UFPE, s/d, grifo nosso).

Figuras 10 e 11: Reprodução típica da imagem do cientista: bata branca, bancada, vidrarias, e referência ao objeto estudado. À esquerda, foto do Centro de Tecnologia e Geociências e à direita foto do Centro de Ciências Biológicas. Sem data. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, foto CTG00572 e CCB0264.

Juntamente com as batas e os laboratórios pode-se acrescentar o recurso à representação da ciência através de instrumentos científicos, que “são a metonímia mais comum para simbolizar o trabalho científico” (DELICADO, 2008, p.87). Assim, se prestam às representações estereotipadas da ciência, todas as áreas que possuem objetos de C&T que possam ser retratados⁵.

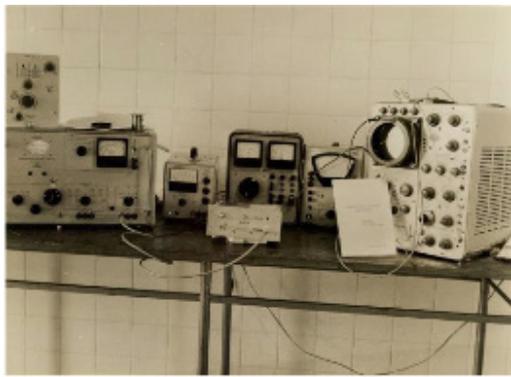
Deste modo, imagens de objetos de C&T são muito frequentes no acervo da UFPE, constituindo uma tipologia específica das fotos que são consideradas patrimônio cultural de C&T.



Figura 12: Segundo informações constantes no verso da fotografia: Furadeira sensitiva motorizada (sic). Centro de Tecnologia e Geociências. Sem data. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, foto CTG0932.

Dentre estas destacam-se, a título de exemplo, fotos de objetos de C&T que foram encomendadas ao fotógrafo Edmond Dansot (1924 a 2012), que possuiu um grande estúdio fotográfico na cidade do Recife, o Labolux, além de ter sido fotógrafo oficial do Governo do Estado de Pernambuco e fotojornalista do jornal Diário de Pernambuco (LABHOI, [2013]).

5. Não se pode deixar de fazer menção ao paradoxo: apesar de a ciência se fazer representar por objetos tridimensionais, quando se trata do patrimônio cultural de C&T percebe-se que esta situação não implica em uma prática preservacionista destes mesmos objetos.



Figuras 13 e 14: Equipamentos de eletrônica e sistemas do Departamento do mesmo nome. Provavelmente década de 1970. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, foto CTG0939 e CTG0941.

Trata-se de um conjunto de oito fotografias e de acordo com as informações registradas no verso da imagem são referentes à “Engenharia, CTG”. Sua composição imagética remete a fotos produzidas para divulgar a capacidade técnica da instituição, usando imagens de objetos científicos como recurso para demonstrar seu desenvolvimento.

Embora as referências sejam apenas à Engenharia, que era a Escola originalmente fundada em 1895, em 1953 foi regulamentado o Curso de Engenharia Elétrica que, por sua vez, cindiu-se em dois departamentos em 1979: Departamento de Engenharia Elétrica e Departamento de Eletrônica e Sistemas (DEE-UFPE, s/d).

Em uma análise preliminar acerca dos objetos científicos retratados percebe-se grande quantidade de referências em francês, que se coadunam com informações do próprio Departamento de Eletrônica e Sistemas acerca de um acordo de cooperação técnica com o governo francês:

Em 1967 o acordo de Cooperação Técnica com o governo francês deu lugar à criação no DEE do Centro de Desenvolvimento de Eletrônica e Automática (CDEA) que representou uma etapa nova para a Engenharia Elétrica da UFPE, uma vez que possibilitou a fixação do pessoal de tempo integral na Universidade, permitindo com isso, o início das atividades de pesquisa e desenvolvimento no DEE (DES-UFPE, s/d).

Este, porém, é um dentre os muitos conjuntos de imagens em que se percebe a construção da cena típica da ciência: o cientista de bata branca, cercado pelos seus objetos de C&T, ou apenas os objetos. Não é o único caso em que a ciência é representada metonimicamente pelos seus equipamentos. Também a título de exemplo, apresenta-se fotos, de outro período cronológico e outra área do conhecimento, que se utilizam do mesmo tipo de composição imagética para fazer representar o conteúdo científico, contudo, este exemplo se repete com bastante frequência no acervo.



Figura 15: Fotografia de bancada de trabalho, vendo-se microscópios em utilização. Provavelmente Departamento de Botânica. Sem data. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Acervo fotográfico da UFPE, foto PD04.

Conforme aponta Delicado (2008, p. 86), pensamento fundamentado a partir de Rodari (2007), esta representação típica é reproduzida nos meios de comunicação de massa, que associam o cientista, e a ciência, a apenas algumas áreas do conhecimento:

Esta é uma representação dos cientistas muito restritiva (que se aplica apenas à química ou à biologia, deixando de fora a matemática, a física, as engenharias, as ciências sociais) e estereotipada, que evoca os resultados obtidos por trabalhos de investigação em torno das imagens dos cientistas detidas e reproduzidas pelas crianças ou nos filmes e mass media (DELICADO, 2008, p.86)

Complementa-se o argumento em torno de quais áreas do conhecimento são usualmente apresentadas como científicas, através da bata branca, fazendo menção à imagem do laboratório que, como já foi dito, é “frequentemente usado como uma metonímia para a ciência, uma parte que representa o todo” (DELICADO, 2015, p.175).

Se este argumento parece reducionista, infelizmente não se pode afirmar que não seja compartilhado por parte da comunidade universitária e que, no caso da UFPE, não venha sendo reproduzido ao longo da sua trajetória institucional. Apresentam-se dois exemplos de como as diferentes ciências são vividas e representadas na instituição: a configuração espacial do próprio campus e os quantitativos de fotos por área do conhecimento.

Costa (2016) realizou estudos sobre a integridade do projeto original do campus Recife da UFPE, comparando a ocupação espacial entre 1957 e 2012, no qual concluiu:

Com base nas manchas dos planos analisados, percebe-se que a integridade espacial referente à conformação setorializada do Campus se manteve praticamente inalterado em toda a porção a norte do eixo leste-oeste e na praça cívica. No entanto, há o deslocamento da Reitoria que perturba a ordem do zoneamento funcional. Já na porção sul há descaracterização quase em toda sua totalidade. Percebe-se

expansão do setor tecnológico, supressão do setor humanístico e degradação do setor desportivo com a construção de edifícios pertencentes ao setor das ciências médicas e supressão de área, além do fato de toda a zona residencial ter sido reduzida a apenas duas edificações (COSTA, 2016, p.161, grifo nosso)

A imagem setorizada do campus, destacando-se as áreas do conhecimento por cores, é bastante exemplificativa de como as áreas do conhecimento competem por espaço físico e representatividade, tendo influenciado inclusive na descaracterização do projeto original do campus da UFPE, projetado na década de 1950 pelo arquiteto Mario Russo.

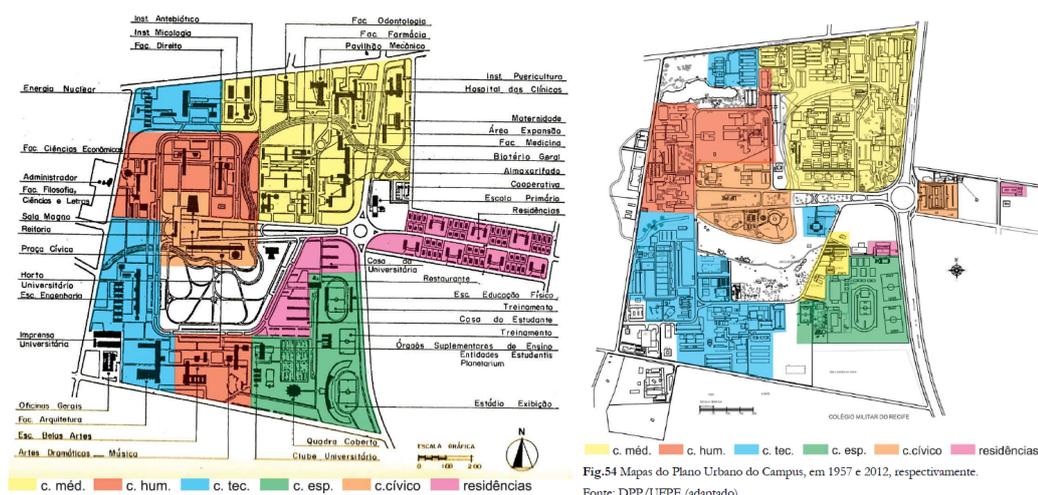


Fig.54 Mapas do Plano Urbano do Campus, em 1957 e 2012, respectivamente. Fonte: DPP/UFPE (adaptado).

Figuras 16 e 17: Mapas do plano urbano do campus Joaquim Amazonas, UFPE, Recife – PE. A supressão dos setores humanístico e esportivo pode ser percebida no que diz respeito à área geral, mas principalmente pode ser evidenciada quando se compara o extremo adensamento construtivo dos setores tecnológicos e das ciências da saúde (anteriormente denominados de ciências médicas). FONTE: COSTA, 2016, p.159-160.

Os espaços físicos relativos às áreas caracterizadas como das ciências humanas (que neste caso abrangem as ciências sociais também), apresentam diminuição ao longo do desenvolvimento do campus, bem como menor adensamento nas áreas que foram mantidas.

No mesmo sentido, percebe-se que a produção de fotografias sobre a UFPE acompanhou este padrão de desenvolvimento institucional. A distribuição quantitativa das fotos existentes no acervo da UFPE cujo local de representação pôde ser identificado reproduz, em grande medida, a distribuição espacial das áreas da ciência no campus, conforme se pode perceber no gráfico apresentado a seguir.

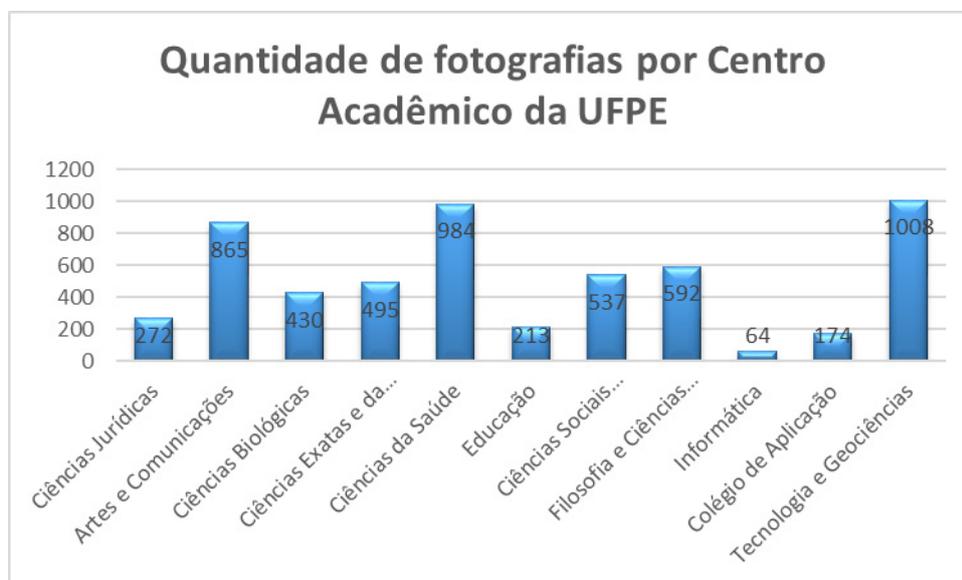


Gráfico 1: Quantidade de fotografias do acervo da UFPE por Centro Acadêmico. FONTE: Elaborado pelas autoras a partir das planilhas do projeto “Imagens fotográficas: olhares sobre a história da UFPE”

Observa-se que cerca de um quarto (5.634 fotografias) de todo o acervo de fotografias da UFPE (19.723 fotografias) possui identificação quanto ao Centro Acadêmico que é retratado, e deste recorte os Centros que possuem mais fotografias são: Centro de Tecnologia e Geociências (1008 fotografias), Centro de Ciências da Saúde (984 fotografias) e Centro de Artes e Comunicações (865 fotografias).

Se unificarmos os Centros por áreas e grandes áreas do conhecimento tem-se os seguintes resultados, apresentados nos gráficos 2 e 3 a seguir.

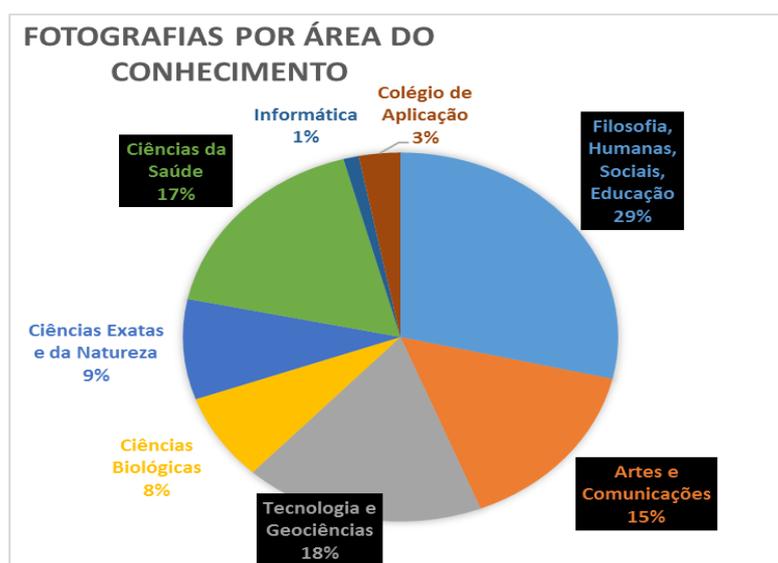


Gráfico 2: Quantidade de fotografias do acervo da UFPE por áreas do conhecimento. FONTE: Elaborado pelas autoras a partir das planilhas do projeto “Imagens fotográficas: olhares sobre a história da UFPE”

A divisão por áreas do conhecimento apresenta um maior equilíbrio entre as Ciências Humanas (29% do total), Artes (15% do total), Tecnologia (18% do total)

e Saúde (17% do total). Contudo, ao proceder à separação pelas grandes áreas do conhecimento, e fazendo-se a junção de áreas que admitem a representação através da metonímia laboratório / bata branca / instrumento científico, há grande predominância das áreas que podem ser representadas através deste recurso imagético, com 53% do total de fotografias.

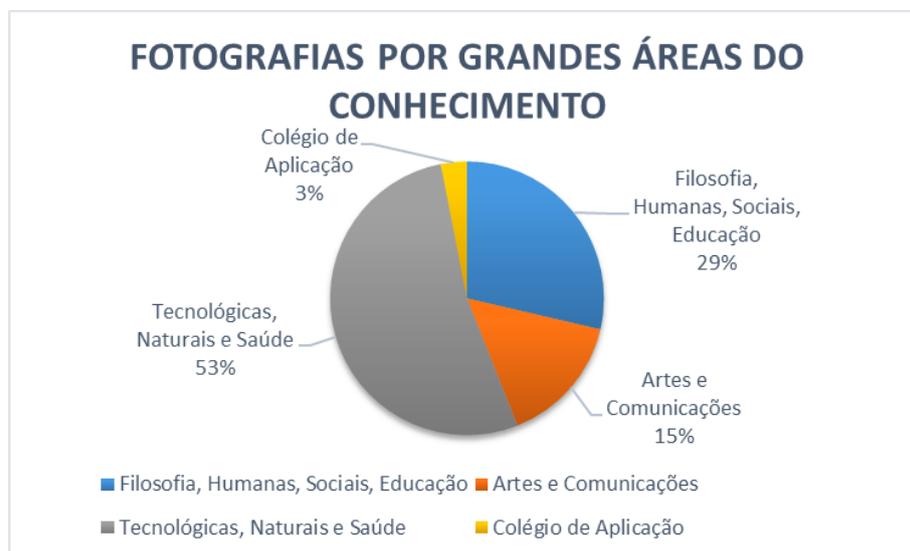


Gráfico 3: Quantidade de fotografias do acervo da UFPE por grandes áreas do conhecimento.
FONTE: Elaborado pelas autoras a partir das planilhas do projeto “Imagens fotográficas: olhares sobre a história da UFPE”

Lembrando que as 5.634 fotografias foram produzidas durante aproximadamente meio século, por mais de vinte fotógrafos⁶ diferentes, pode-se conjecturar que a imprensa universitária teve maior inclinação pela representação das disciplinas e atividades universitárias relativas às ciências exatas, naturais e da saúde. Provavelmente, o fato de que são disciplinas que se prestam melhor ao reconhecimento público, dada a facilidade de construir composições imagéticas mais plausíveis, foi importante para as tomadas de decisão acerca do que divulgar e deixar para a posteridade.

O processo de patrimonialização deste acervo, e o progressivo incremento do seu valor de rememoração pode também ter sido fortalecido por mais este elemento sensorial de estranhamento, em relação à própria comunidade universitária e, principalmente, ao público externo à UFPE.

Neste sentido, e ressaltando a necessidade do fotojornalista se estabelecer vínculos com o leitor, é que Delicado (2008, p.195), citando Ward (1997, p.83), aponta a dificuldade de construção de imagens alternativas da ciência e dos cientistas: “será que o público que procura ‘info-entretenimento’ ficaria realmente inspirado por uma exposição que mostrasse que os cientistas passam muito do seu tempo a publicar artigos, a procurar financiamento e a discordar uns dos outros?”.

Este é o desafio da comunicação científica e as soluções para este dilema ainda estão longe de serem encontradas...

6. Puderam ser identificados vinte e um fotógrafos: Aquiles Lins, Bárbara Wagner, Bernardo Cortijo, Celso Ávila,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusões – parciais e inacabadas – reafirma-se a possibilidade de compreender parte do acervo fotográfico da UFPE como patrimônio cultural de C&T, para além de sua clara identificação com o patrimônio universitário, com largas áreas de sobreposição entre ambos tipos de patrimônio.

Nesse aspecto, resta ainda a larga tarefa de sistematizar os critérios que permitem selecionar fotografias que se encaixam nesta tipologia patrimonial – sem, claro, perder de vista a percepção de que os próprios conceitos de patrimônio cultural mudam com o tempo e, especialmente, dependem dos olhares dos grupos sociais que lhes emprestam legitimidade.

Quanto à representação da ciência feita pela UFPE, também ainda há muito que pesquisar, desenvolvendo estudos particularizados nos diversos Centros Acadêmicos e áreas do conhecimento específicas em que, de fato, será possível (dado o quantitativo menor de fotografias), estabelecer tipologias específicas de construções imagéticas, periodizações, e autorias, quantificando cada uma destas categorias. Assim, será possível chegar a conclusões de natureza não apenas qualitativa, mas também quantitativa.

Há ainda um grande contingente de fotografias do acervo da UFPE – cerca de três quartos do total – que não está classificada a partir dos Centros Acadêmicos, mas sim de órgãos da administração universitária e órgãos suplementares, ou mesmo classificadas como Lugares e Pessoas Diversas. Certamente estas imagens também produzem representações da ciência, contudo, sua apreciação ainda depende do estabelecimento de outras tipologias de análise que permitam uma maior clareza sobre sua proveniência.

REFERÊNCIAS

BECK, Ingrid e GUIMARÃES, Lygia. Conservação & Restauração de Documentos em Suporte de Papel. In: GRANATO, Marcus et al (orgs.) *Conservação de Acervos*. Rio de Janeiro: MAST, 2007, p. 47.

CARDOSO, C. F., MAUAD, A. M.. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F., VAINFAS, R. (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 401 a 417.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de; FILLIPI, Patrícia de. *Como tratar coleções de fotografias*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.

DELICADO, A.. O laboratório como metonímia: a experimentação nas exposições científicas. In: M. Valente & J. Rivera (Eds.). *Culturas experimentais: teorias, coisas e experiências* (pp. 175-185). Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2015.

Edmond Dansot, Francisco Paiva, Gutemberg Soares, [Jogobuto] Ricardo, Josenildo Freire, Juliana Albuquerque, Marcelo Gusmão, Marcelo Lopes, Maurício Coutinho, Mila Targino, Passarinho, Patrícia Leal, Paulo Faltay, Rafael Alves, Raquel Santana, Vitória Galvão, Xavana Celesnah. Contudo, nem todas as fotos têm indicação do fotógrafo, o que faz supor que este número seja maior.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN; DEMU, 2007. Coleção Museu, Memória e Cidadania.

GRANATO, Marcus, CÂMARA, Roberta Nobre da. Patrimônio, ciência e tecnologia: inter-relações. In: CARVALHO, C. S. de R. et al (orgs). *Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, p. 172 a 200.

GRANATO, Marcus. Panorama sobre o patrimônio de ciência e tecnologia no Brasil: objetos de C&T. In: GRANATO, Marcus e RANGEL, Márcio F. (orgs.). *Patrimônio cultural material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. Livro eletrônico.

GURAN, Milton. *Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões*. XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia. Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf . Acesso em 25 de outubro de 2016.

LIMA, D.F.C. Museologia: museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v.7, p.31-50, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a04v7n1.pdf> . Acesso em 25 de outubro de 2016.

LOUREIRO, M. L. N. M.. Museus, Museologia e Informação científica: uma abordagem interdisciplinar. In: GRANATO, M., SANTOS, C.P., LOUREIRO, M. L. N. M.. (Org.). *Museu e Museologia: interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009, v. 11, p. 99-111.

LOURENÇO, M.; WILSON, L. Scientific Heritage: reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. *Studies in History and Philosophy of Science*. 44, 2013, p. 744 – 753.

MANINI, M. P. *Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários*. 2002. Tese (Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). USP, São Paulo, 2002.

RIEGL, Aloïs. *El culto moderno a los monumentos*. 2ed. Madrid: Visor, 1999.

SILVA FILHO, Arlindo Francisco. *Patrimônio, memória, ciência e tecnologia: gestão do patrimônio cultural de ciência e tecnologia do Centro de Tecnologia e Geociências da Universidade Federal de Pernambuco*. 2013. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013

SOUSA, R. J. P. L. de, CUNHA, G. A. da. Análise documental de fotografias jornalísticas: estudo exploratório dos elementos conotativos. *Biblios*. No 53 (2013), <http://biblios.pitt.edu/> , DOI 10.5195/biblios.2013.132.

ASCOM-UFPE. Quem somos – Assessoria de Comunicação Social da UFPE. s/ local, s/data. Disponível em: https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=106&Itemid=71. Acesso em 25 de outubro de 2016.

DEE-UFPE. O Departamento. s/local, s/data. Disponível em: https://www.ufpe.br/dee/index.php?option=com_content&view=article&id=280&Itemid=216. Acesso em 25 de outubro de 2016.

DES-UFPE. O Departamento. s/local, s/data. Disponível em: https://www.ufpe.br/des/index.php?option=com_content&view=article&id=305&Itemid=237 Acesso em 25 de outubro de 2016.

LABHOI. Edmond Dansot. s/local, [2013]. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/verbetesfotografia/node/18> . Acesso em 25 de outubro de 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

GUILHERMINA DE MELO TERRA Com Pós-doutorado em Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), Doutorado em Museologia, pela mesma Faculdade, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas, Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Católica Dom Bosco e Graduação em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas, Guilhermina Terra é professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas. Lotada no Colegiado de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação, atua tanto na graduação, quanto na pós-graduação. Membro aderente do MINON Internacional e ICOM-PT, bem como integra dois grupos de pesquisa, sendo um intitulado Grupo de Pesquisa CRISOL - Pesquisas e Estudos Culturais: Patrimônio & Memória, pela Universidade Federal do Maranhão, junto à Linha de Pesquisa Nova Museologia e Ecomuseus e o segundo grupo é intitulado Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação, pela Universidade Federal do Amazonas, sendo que se encontra em tramitação a criação do seu próprio Grupo de Pesquisa. Durante sua trajetória, a professora atuou como coordenadora do primeiro Curso de Especialização em Museologia da região Norte, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, no período de 2006 a 2007, bem como é membro do Conselho Editorial da Revista Analisando em Ciência da Informação – RACIN.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-342-2

